

IMPERDÍVEL: TABELÃO DO BRASILEIRO E 240 ESCUDINHOS

Editora
Abril

PLACAR

N.º 1070
ABRIL DE 1992
Cr\$ 7 500,00

DECISÕES QUE LAVARAM A ALMA

ESPECIAL: DEPOIMENTO DE PELÉ,
DOS HERÓIS E POSTERS DE CADA CAMPEÃO

AS GRANDES
FINAIS DE:
Corinthians
Flamengo
Vasco
São Paulo
Grêmio
Fluminense
Palmeiras

Atlético
Santos
Internacional
Botafogo
Bahia
Cruzeiro

0563



ARREBENTANDO CORAÇÕES

**O são-paulino
deve se preparar
para tudo nesta
final com o Guarani.**

**O equilíbrio é muito
grande e, talvez,
a sorte só seja
decidida mesmo no
último chute**

Este início de partida contra o Guarani, na decisão do Campeonato Brasileiro de 1986, não podia ser mais cruel para o torcedor são-paulino. Mal ele se ajeita em seu lugar — seja entre os quase 40 000 torcedores que lotam o Estádio Brinco de Ouro, seja em uma confortável poltrona colocada em frente à televisão —, já acontece o pior. Logo a dois minutos, Nelsinho, o dono da lateral-esquerda em tantas outras conquistas, escora um cruzamento do bugrino Zé Mário contra suas próprias redes.

Conseguir vencer uma decisão perdendo de cara por 1 x 0, e ainda por cima na casa do adversário, é quase uma missão impossível. A torcida tricolor se aflige, sofre, xinga, rói as unhas. O time, no entanto, parece não sentir o golpe. Procura tocar a bola velozmente, como sempre, impor seu jogo, de modo calmo, consciente.

O resultado dessa tranquilidade inabalável não tarda. Bernardo, um gigante no meio-campo, faz-se ainda maior que a defesa do Guarani e empata numa cabeçada fulminante. Tudo isso

com apenas nove minutos de jogo, em uma noite que prometia ainda muito mais emoções.

A partir daí o são-paulino volta a sorrir. Deleita-se com as jogadas de Careca, que, na mais genial delas, coloca Müller na cara do gol. Mas a trave salva o

goleiro bugrino Sérgio Néri, num lance de pura arte. Arte é a palavra exata para definir o que o ataque do São Paulo faz na partida, com seus toques rápidos e deslocamentos constantes. No entanto, como já acontecera no primeiro jogo das finais, no Morumbi, Ricardo Rocha é um leão na zaga do Guarani. Com um tampão para conter o sangue que lhe escorre do nariz, ele frustra, uma a uma, todas as investidas do tricolor contra sua área.

No segundo tempo, tudo continua igual. O São Paulo arma suas jogadas com consciência, mas o Guarani não só se defende bem como contra-ataca sempre com perigo. Num desses lances, José de Assis Aragão, o juiz tão contestado pelo time de Campinas na véspera da decisão, interpreta como normal uma entrada de Wagner Basílio no pont-esquerda João Paulo. Os bugrinos reclamam pênalti; os são-paulinos já preparam o coração para uma prorrogação que promete ser de arrepiar.

Quando ela começa, a torcida do São Paulo sente-se, enfim, vingada.



FOTOS SÉRGIO BEREZOVSKY

Careca e Ricardo Rocha: em qualquer parte do campo, onde quer que a bola vá, lá estão os dois craques



da daquele susto inicial. Agora é Pita, completando mais um lance feliz de Müller, quem dá o troco aos bugrinos. Com apenas um minuto de bola correndo, o meia põe o São Paulo em vantagem. Porém, aos sete, Marco Antônio Boiadeiro empata outra vez. Pior: logo no começo da segunda etapa

da prorrogação, João Paulo faz 3 x 2 para o Guarani.

Em pouco menos de duas horas, o são-paulino — que vinha de um sofrido empate em 1 x 1, no primeiro jogo, disputado em seu estádio — já tinha visto praticamente de tudo. Primeiro, o gol contra relâmpago de Nelsinho. Depois, o empate de

GRAÇAS AO CRAQUE

Quando tudo parece perdido para o tricolor, brilha o gênio de Careca. E todos comemoram a chance da cobrança dos pênaltis

Bernardo. Sentira-se quase campeão pelos pés de Pita. E, agora, via o sonho do título ir por água abaixo. Não era possível que àquela altura, quando os alto-falantes do Brinco de Ouro começavam a tocar o hino do Bugre e sua torcida dava início a uma festa igual à de 1978, houvesse ainda

"Passa a bola que o Careca resolve", diz o goleiro

tempo para mudar mais uma vez a história do jogo.

E é aí que o gênio de Careca brilha com todo o esplendor. "Passa a bola que ele resolve", sugere em desespero de causa o goleiro Gilmar. A menos de um minuto do fim do pesadelo, Wágner dá o último chutão, e a bola, que até então fizera o são-paulino sofrer tanto, caprichosamente encon-

tra o atacante entrando livre por trás da zaga.

O centroavante solta o pé esquerdo, num sem-pulo perfeito, e estufa as redes de Sérgio Néri. É o último ato com o jogo em movimento. Com o gol o São Paulo ganha o direito de decidir o título brasileiro na cobrança dos pênaltis. E também aí haja coração.

Ninguém é capaz de arriscar um palpite. Foi assim durante toda a noite, e continua sendo agora nas cobranças alternadas. Definitivamente, a sorte parece querer brincar até o fim com os nervos dos dois finalistas. Pois não é que, logo na primeira cobrança do

São Paulo, Careca, o inesquecível herói que proporcionou o último fio de esperança ao tricolor, joga a bola nas mãos do goleiro bugrino? Menos mal que o Guarani também já tenha perdido o seu com Marco Antônio Boiadeiro, defendido pelo predestinado Gilmar. Depois de o ponta João Paulo perder outro pênalti do Guarani, chutando por cima, a sorte está, finalmente, nos

pés do zagueiro Wágner Basílio.

Não poderia ser diferente: o chute saiu forte, como deve ser, rente à trave direita. Mas, mesmo assim, o goleiro Sérgio Néri quase atrapalha tudo. Desta vez, porém, seria demais: a bola acaba morrendo mansa a poucos palmos da linha do gol. O torcedor são-paulino está finalmente liberado para fazer a festa, ali mesmo no Brinco de Ouro, ou saltar em sua confortável poltrona e gritar, bem alto, o nome do São Paulo, o novo campeão do Brasil.



Nos pênaltis, Gilmar defende...



...e Wágner confere: campeão

GILMAR

ACREDITANDO ATÉ O FIM

Q Nunca vou me esquecer. João Paulo acabara de marcar o terceiro gol do Guarani, já na prorrogação, e bateu o desespero. Darío Pereyra, experiente, se aproximou de mim, encostou a cabeça na trave e disse que não acreditava mais na vitória. Por um segundo eu me contagiei pelo desânimo, mas reagi. Disse aos berros que ainda dava para, pelo menos, empatar e depois arriscar tudo na loteria dos pênaltis.

Eu, de tanto bater tiros de meta, já nem tinha força nas pernas. Faltavam dois minutos para acabar a prorrogação e o Wágner Basílio ia atrasar a bola. Ele queria que eu desse um chutão. Pedi para ele mandar direto.

Felizmente ele atendeu. A bola foi alta e, por incrível que pareça, o Pita ganhou na cabeça do Ricardo Rocha. Careca chutou e empatamos. Nos pênaltis, novo drama. O Careca pediu ao Juvenal Juvêncio, então vice-presidente de futebol, que dobrasse o bicho. Ele tanto insistiu que o Juvêncio cedeu. Só que o Careca bateu mal o primeiro pênalti e perdeu. No ato, o dirigente voltou atrás. Mas as coisas não acabariam ali. O Marco Antônio, lateral-direito, bateu e eu defendi. Fomos acertando as nossas cobranças e o João

Paulo bateu por cima da trave. Aí foi minha vez de pedir o bicho em dobro. Os dirigentes atenderam. Não havia mais tensão, só o título a comemorar.

Quando João Paulo perdeu outro pênalti do Guarani, foi a vez de Gilmar pedir o bicho em dobro



Gilmar, da área, comandou a jogada para o gol do empate

O RAIO-X DO JOGO

25/fevereiro/87

GUARANI 3 x SÃO PAULO 3

Local: Brinco de Ouro da Princesa (Campinas); **Juiz:** José de Assis Aragão (SP); **Renda:** Cz\$ 4 222; **Público:** 37 370; **Gols:** Nelsinho (contra) 2 e Bernardo 9 do 1.º; Pita 1 e Marco Antônio Boiadeiro 7 do 1.º da prorrogação; João Paulo 2 e Careca 13 do 2.º da prorrogação; **Cartão amarelo:**

Ricardo Rocha e Careca; **Expulsão:** Vágner

GUARANI: Sérgio Néri, Marco Antônio, Ricardo Rocha, Valdir Carioca e Zé Mário; Tosin, Tite e Marco Antônio Boiadeiro; Catatau (Chiquinho Carioca), Evair e João Paulo. **Técnico:** Carlos Gainete

SÃO PAULO: Gilmar, Fonseca, Wágner Basílio, Darío Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Müller, Careca e Sidney (Rômulo). **Técnico:** Pepe

PLACAR

SÃO PAULO Campeão Brasileiro de 1986



Em pé: Fonseca, Gilmar, Wágner Basílio, Dário Pereyra e Bernardo; agachados: Müller, Silas, Careca, Pito e Sidney. Nelsinho não posou para a fotografia

SERGIO BEREZOVSKY

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ